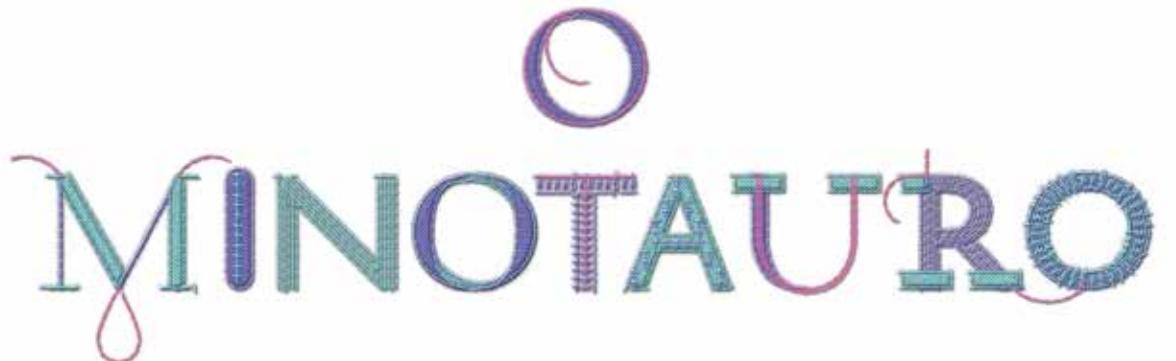


MINOTAURO

BIBLIOTECA
LOBATO

MONTEIRO LOBATO



*Maravilhosas aventuras dos netos
de Dona Benta na Grécia antiga*

Organização

MARISA LAJOLÓ

Ilustrações

LOLE

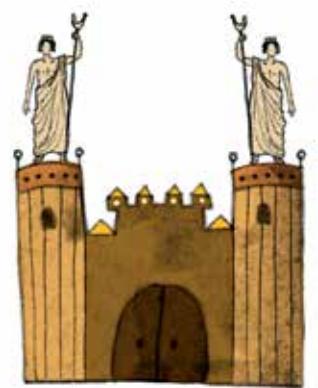
Paratextos

CILZA BIGNOTTO



SUMÁRIO

<i>O Minotauro, ou uma viagem no tempo</i>	6	16. A HIDRA DE LERNA	101
1. UMA AVENTURA PUXA OUTRA	9	17. NINFAS, NÁIADES, DRÍADES E SÁTIROS	106
2. RUMO À GRÉCIA	14	18. OS NARIZES DE ATENAS	113
3. DESEMBARQUE NA GRÉCIA DE PÉRICLES	18	19. OS GREGOS VISITAM O IATE	121
4. EM CASA DE PÉRICLES	27	20. A ESFINGE E O ORÁCULO DE APOLÔ	126
5. DISCUSSÕES EM ATENAS	32	21. NO LABIRINTO DE Creta	134
6. FÍDIAS NOCAUTE	37	22. SÓFOCLES APARECE	137
7. VISITA ÀS OBRAS DO PARTENON	42	23. A PANATENEIA	145
8. A ESTÁTUA DE PALAS ATENA	51	24. FÍNIS	151
9. O PÓ NÚMERO DOIS	57	Monteiro Lobato: um grande contador de histórias	154
10. NOS CAMPOS DA TESSÁLIA	62	Curiosidades sobre O Minotauro	156
11. O SONHO DE PEDRINHO	67	Biografias	159
12. EM MARCHA PARA O OLIMPO	73		
13. EM PROCURA DE HÉRCULES	82		
14. DONA BENTA E SÓCRATES	87		
15. BATATAS E SÓCRATES	94		



O MINOTAURO, OU UMA VIAGEM NO TEMPO

Ao começar a ler este livro, você irá embarcar em uma viagem no tempo. Não é sensacional? Junto com Narizinho, Pedrinho, Emília, Visconde, Dona Benta e Rabicó, você vai voltar mais de dois mil anos na história. Vai viajar com eles para a Grécia antiga, um espaço e um tempo com o qual livros, filmes e games já nos familiarizaram. Quem não ouviu falar de Hércules? Ou de Vênus?

Você ouviu, não é mesmo?

Pois, nesta história, essas e muitas outras personagens desse mundo grego de antiga-mente — também chamado de *mundo clássico* — vão contracenar com as personagens do sítio e com... você!

Certeza que você vai adorar a viagem e a companhia!

Como em qualquer viagem, prepare-se para encontrar costumes, objetos, crenças e modas muito diferentes dos nossos de hoje. E também muito diferentes dos existentes quando Lobato publicou este livro, no ano de 1939. Vantagem sua, que neste livro fará duas viagens no tempo: uma mais curta, ao Brasil dos anos trinta do século passado, e outra bem mais longa, para muitos séculos antes de Cristo.

A dupla destinação temporal que este livro proporciona parece ter agradado aos leitores, tanto adultos quanto crianças. E sabe por quê? Talvez porque viajar ao passado ajude a aguçar os sentidos e a calibrar melhor os olhos com que olhamos o nosso presente.

As personagens do Sítio do Picapau Amarelo, que esperam apenas sua chegada para dar início à aventura, vão lhe explicar as razões da viagem: a busca da querida Tia Nastácia, que desapareceu na festa de casamento de Branca de Neve com o Príncipe Codadade. Essa história, que vem contada em outro livro de Lobato, *O Picapau Amarelo*, continua aqui em *O Minotauro*.

Em outras épocas, as pessoas faziam as coisas de jeitos muito diferentes dos nossos. Você talvez se espante com o modo de vida dos gregos clássicos quase tanto quanto eles se espantaram com o modo de vida dos "picapaus". Tamanho espanto pode provocar risadas, talvez incômodos e, certamente, muitas ideias novas!

Vale a pena pensar, por exemplo, por que, em determinados tempos e sociedades, seres humanos escravizam outros seres humanos. Por quê? As respostas não são sempre iguais e nunca são fáceis — e obviamente nada pode justificar um regime como esse. Na Grécia antiga havia pessoas escravizadas, capturadas entre povos vencidos em guerras. No Brasil da juventude de Tia Nastácia ainda havia escravidão, que só terminou em 1888 — nós fomos um dos últimos países do mundo a aboli-la, e certos costumes demoraram ainda mais a desaparecer.

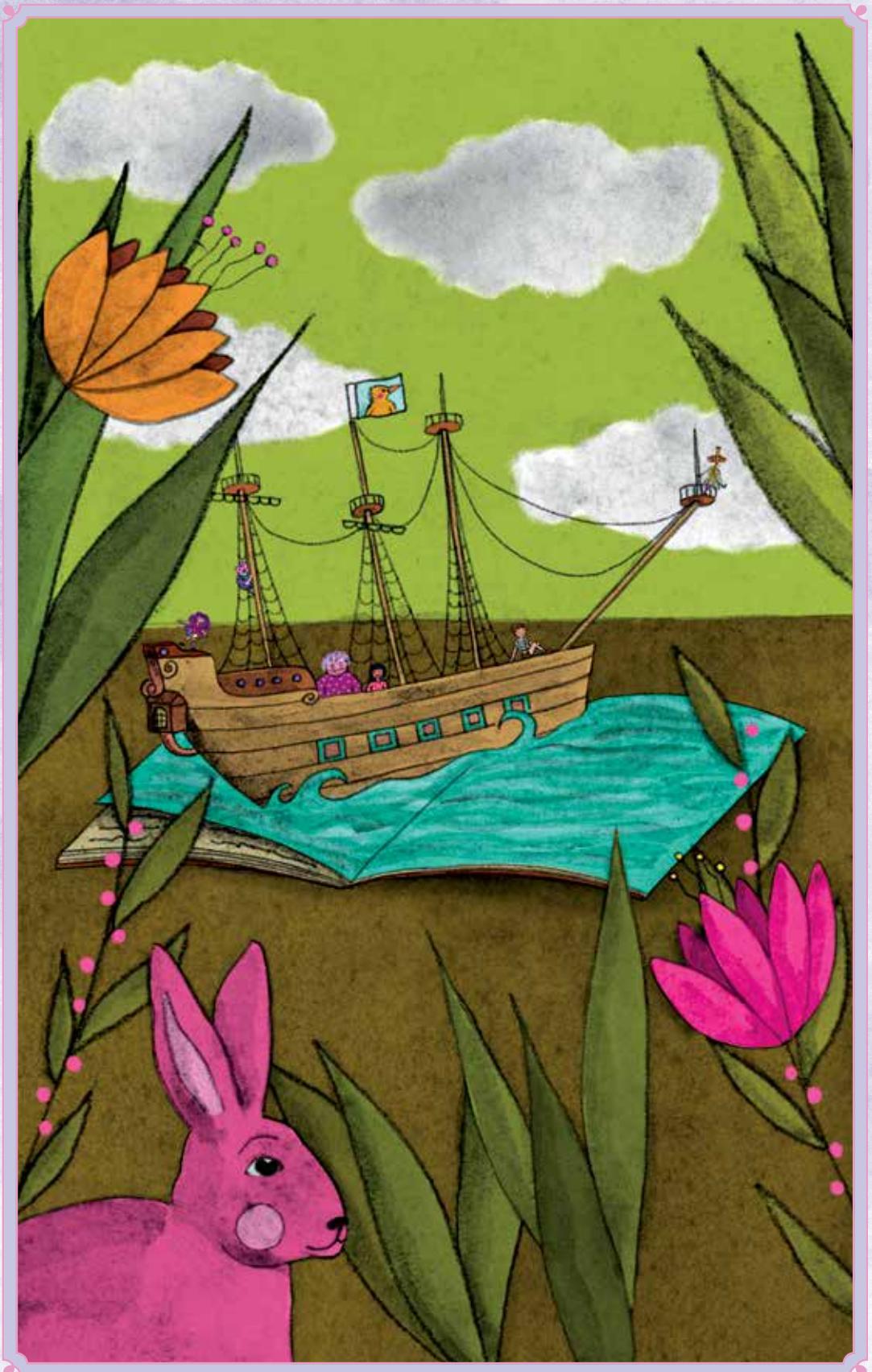
Na verdade, resquícios da escravidão se manifestam até hoje de várias maneiras. E mais

ainda no tempo em que *O Minotauro* foi escrito. Por isso mesmo, é importante chamar atenção para como, em certas passagens do livro, as personagens se referem à Tia Nastácia usando termos inaceitáveis. Em outras, elas discutem a escravidão, a propósito de episódios vividos por eles na Grécia antiga. Na Antiguidade, a escravidão era bem diferente da que conhecemos no Brasil, mas também tinha um caráter violento e dominador, como Narizinho comenta com a avó, o que pode estimular um olhar crítico, que nos mostre o quanto mudamos — e o quanto ainda precisamos mudar!

Outro dos temas muito atuais e interessantes, que vem para a história por meio de Dona Benta, é a mudança da arte ao longo do tempo, como as ideias sobre o que é ou não é artístico se transformaram. Nas mais diferentes sociedades, a humanidade sempre produziu objetos artísticos; no entanto, os modos como os produzia, bem como quais objetos eram/são considerados obras de arte, mudam o tempo todo.

As ideias de Dona Benta sobre arte são parecidas com as que Monteiro Lobato tinha. Isso não significa que elas sejam as únicas que valem, nem que sejam as melhores. Outras pessoas tinham e têm concepções diferentes sobre o que é artístico, o que é bonito, o que é valioso. Aos poucos, você vai formar (e também talvez mudar!) suas próprias ideias sobre arte — e sobre tantos outros temas tratados neste livro.

Aliás, não é para isso que servem os livros? Para mexer com as ideias de seus leitores? Então, vire as páginas e faça uma boa viagem — no tempo e no espaço!



Os leitores do *Picapau Amarelo* fatalmente desapontaram com o desfecho da história. A grande festa do casamento do príncipe Codadade com Branca de Neve acabou violentamente interrompida pelo ataque dos monstros da Fábula. Dona Benta, Pedrinho, Narizinho, Emília e o Visconde conseguiram salvar-se pela fuga, a bordo de *O Beija-flor das Ondas*; mas a pobre Tia Nastácia, que se distraíra nas cozinhas do palácio com o assamento de mil faições, perdeu-se no tumulto. Fora atropelada, devorada ou aprisionada pelos monstros? Ninguém sabia.

Só depois do desastre é que Dona Benta e os meninos puderam ver o quanto a estimavam. Que choradeira! Quindim derrubou o focinho... O Burro Falante desistiu da sua habitual ração de fubá. Só não choraram Emília e Pedrinho; Emília porque “não era de choros”; e o menino, porque andava com uma ideia de bom tamanho.

— Nada de lágrimas, pessoal! — dizia ele. — O que temos a fazer é organizar uma expedição para o salvamento de Tia Nastácia. Se está viva nas unhas de algum monstro, havemos de libertá-la, custe o que custar.

Tamanho rasgo de atrevimento entusiasmou Emília.

— Bravos, Pedrinho! Você é um herói de verdade.

Dona Benta teve de concordar com a ideia da expedição. Não havia outro remédio. Em vista disso, começou a dispor tudo para uma longa ausência.

O Conselheiro foi confirmado no posto de tomador de conta do sítio, e Quindim no de guarda — mas depois duma severa advertência pelo seu cochilo no caso do Capitão Gancho.

— Eu cochilei sem querer... — desculpou-se o paquiderme.

— As boas sentinelas não cochilam nunca — disse Dona Benta. — Espero que para o futuro vosmecê saiba justificar a confiança que tenho na sua inteligência, na sua lealdade e no seu chifre.

O rinoceronte prometeu pôr em prática a receita da Emília: “Cochile com um olho enquanto espia com o outro; depois cochile com o outro e espie com o primeiro”.

Tudo acertado, Dona Benta partiu com os meninos para a Grécia, a bordo de *O Beija-flor das Ondas*.

Mas para que Grécia? Há duas — a Grécia de hoje, um país muito sem graça, e a Grécia antiga, também chamada Hélade, que é a Grécia povoada de deuses e semideuses, de ninfas e heróis, de faunos e sátiros, de centauros e mais monstros tremendos, como a Esfinge, a Quimera, a Hidra, o Minotauro. Oh, sim, lá é que era a grande Grécia imortal. A de hoje só tem uvas e figos secos — e soldados de saiote.

Enquanto o *Beija-flor* singrava os mares, Dona Benta ia derramando pingos de história na cabeça das crianças.

— A Grécia de hoje, meus filhos, é um dos pequenos países da Europa, com 116 mil quilômetros quadrados e menos de **cinco milhões de habitantes**.

— Só isso? — admirou-se Pedrinho.

— Só, meu filho; e a famosa Grécia antiga também não foi mais do que isso. A importância dum país não depende do tamanho territorial, nem do número de habitantes. Depende da qualidade do povo. Pequenina foi a Grécia em tamanho: e tornou-se o maior povo da Antiguidade pelo brilho da inteligência e pelas realizações artísticas. Tão grande foi o seu valor que até hoje o mundo anda *impregnado* de Grécia. Mesmo aqui neste nosso continente americano que era só bugres no tempo da Grécia, sentimos a impregnação grega. A língua que falamos está toda embutida de palavras gregas.

— “Geografia”, por exemplo — disse Narizinho. — E “gramática” também. Quindim disse que gramática é palavra grega.

— E é. Não tem conta o número de palavras de origem grega que usamos a todo instante, ou na forma que tinham lá ou como ficaram depois das modificações do tempo. Mas não é só na língua que vemos por aqui a Grécia: é em tudo. Recorda-se, Pedrinho, daquele célebre discurso do promotor, no casamento da filha do juiz?

— Se me recordo! Começava assim: “Neste momento solene, eu queria ter a eloquência dum Demóstenes etc.”.

— Isso mesmo. Pois esse discurso está cheio de coisinhas gregas. Logo no começo aparece Demóstenes, que foi o máximo orador da Grécia. Depois vem aquele pedacinho de ouro: “A galante Candoca vai unir-se ao doutor Filogênio pelos laços sagrados do himeneu”. Que é himeneu?

— Casamento?

— Sim. Hoje quer dizer casamento; mas na Grécia antiga era o nome do deus do casamento, filho de Baco e Vênus. O orador também se referiu ao “carro de Apolo”; Apolo foi o deus grego da música, das artes e da eloquência. Falou ainda em “aurora”; Aurora era a deusa grega da manhã, que abria o dia no seu carro puxado por corcéis de asas, com uma estrela na testa e um archote aceso na mão. Se fôssemos catar todas as reminiscências gregas do discurso do promotor, vocês se admirariam da quantidade.



Hoje a Grécia já tem mais de dez milhões de habitantes!

Claro! Cinco milhões de habitantes era no tempo em que Lobato publicou este livro, há oitenta anos... Sabe o que não mudou? Os guardas, que vigiam a Tumba do Soldado Desconhecido, continuam usando saias! E pompons enormes na ponta dos sapatos. Acho a maior graça!

— Ele também falou em “mel do Himeto” e em Eros — disse Pedrinho. — Deverem ser coisas gregas.

— Sim, Himeto era um monte famoso pelo seu mel e pelos seus mármores. E Eros não passa do nome grego de Cupido.

— Que história é essa? — berrou Emília. — O tal deusinho do amor, afinal de contas, é Eros ou Cupido?

— É Eros na Grécia e Cupido entre os latinos. Com a mudança para Roma, depois que Roma conquistou a Grécia, os deuses gregos mudaram de nome. Zeus, o pai de todos, virou Júpiter; Ártemis virou Diana; Palas Atena virou Minerva; Hércules virou Hércules; e assim por diante.

— Que maçada! — exclamou Emília.

Dona Benta não entendeu o pensamentinho dela e continuou:

— Pois é isso. Na conversa comum, todos os dias vivemos a usar palavras e expressões gregas. Até a pobre da Tia Nastácia de vez em quando vem com uns gregismos, como daquela vez em que disse: “Quando na pedreira a gente faz ‘oh’, o eco responde lá longe”. Ela sabe que tem o nome de eco a voz que bate num obstáculo e volta, mas não sabe que a palavra se originou do nome da ninfa Eco, uma que falava pelos cotovelos e, de tanto falar, incorreu na ira da deusa Hera, a qual a transformou em voz sem corpo, isto é, no que chamamos eco. E no pensamento, então? A maior parte das nossas ideias vem dos gregos. Quem estuda os filósofos gregos encontra-se com todas as ideias modernas, ainda as que parecem mais adiantadas.

— Então, vovó, a Grécia foi mesmo uma danadinha...

— Se foi! Por isso falam os sábios do “milagre grego”. Acham que aquilo foi um verdadeiro milagre da inteligência humana. Um foco de luz que nasceu na Antiguidade e até hoje nos ilumina. A arte grega, por exemplo: não há nas nossas cidades fachada de prédio que não tenha formas, ou enfeites, **inventados pelos gregos**. Os mais lindos monumentos das capitais modernas são gregos, ou têm muito da Grécia. O monumento do Ipiranga, em São Paulo, é grego dos pés à cabeça. As colunas, os capitais das colunas com as suas folhas de acanto...

— Serralha! — berrou Emília. — Eu sei.

— ... as frisas e arquitraves, as cornijas e tríglifos, tudo é grego. Vou desenhar alguns desses elementos para que vocês vejam com que frequência eles aparecem na frontaria dos nossos prédios.



Xeretei uns prédios do Brasil e achei que alguns lembram mesmo a Grécia... Vi até figuras de deuses nas fachadas, mas são meio diferentes desses da Antiguidade.

O Visconde disse uma vez que os arquitetos às vezes se inspiram na interpretação que vários artistas, nos últimos quinhentos anos, vêm fazendo desses elementos da Antiguidade... Lembra desse dia, Emília?



Dona Benta desenhou, como o nariz dela, umas coisas assim:



— Com que então estas coisas se chamam “elementos”?

— Sim. Elemento é uma parte duma coisa. Quindim é um dos elementos do sítio. Rabicó, outro...

— Quindim é o elemento paquidérmico — lembrou Emília. — Rabicó é o elemento suíno.

— E você é o **elemento lambeta** — disse Narizinho.

Emília fez o seu focinho de pouco caso, murmurando: “Fedor!”.

— Pois é isso — continuou Dona Benta. — A Grécia está no nosso idioma, no nosso pensamento, na nossa arte, na nossa alma; somos muito mais filhos da Grécia do que de qualquer outro país. Até Quindim é bastante grego, apesar de ter nascido na África, já que é paquiderme e rinoceronte. Paquiderme é uma palavra que vem do grego: *pachy*, grosso, e *derm*, pele ou couro.

— Casca grossa — disse Emília.

— E rinoceronte é palavra que vem do grego *rhinoceros*: *rhino*, nariz, e *ceros*, chifre. O bicho de chifre no nariz.

Enquanto Dona Benta discorria sobre a Grécia, o *Beija-flor das Ondas* singrava mansamente de rumo a Atenas. O Visconde ia no comando, com o Marquês de Rabicó a servir de imediato. A escassez de tripulantes obrigou-o a dar aquele posto ao Marquês, apesar da sua muito conhecida malandragem.



Eu não estava lambendo nada! Argh!

Emília, lambeta significa pessoa mexeriqueira, que faz intrigas para provocar confusão. Exatamente o que você costuma fazer...!



Você e Narizinho é que são elementos lambeteiros e lambedores de doces.

A tarde ia caindo. Nuvens **debruadas** de cobre estendiam-se no céu como charutos compridíssimos. De vez em quando um peixe-voador pulava da água, voava dezenas de metros e sumia-se de novo no oceano.

— Por que é que eles voam, vovó? — perguntou Narizinho.

— Para fugir à perseguição dos inimigos, os peixes maiores que querem devorá-los. Como a vida no mar é um pega-pega terrível, cada qual inventa a sua defesa. Uns aprendem a mudar de cor, para se confundirem com as pedras; o inimigo passa e não os vê. Outros aperfeiçoam-se na velocidade e escapam fugindo. Estes voadores aprenderam a voar. No começo o voo deles não era voo, apenas um salto; mas viram logo que ajudando o salto com as asas natatórias podiam chegar mais longe. E foram se aperfeiçoando nisso até o ponto em que estão hoje: que é um *salto voado*, o salto prolongado por um voo muito diferente do das aves.

A brisa morrera completamente, de modo que a superfície do mar se transformara num imenso espelho.

— Que lindo, vovó! Veja que lisura de água. Nem a menor ondinha. O mar virou a perfeita cópia do céu.

De fato, o céu, com todo o seu azul e todas as suas nuvens, estava duplicado com a maior perfeição no imenso espelho líquido. Pedrinho notou que quando um peixe pulava da água um desenho aparecia assim:



Como assim? Será que ele quis dizer que as nuvens estavam embrulhadas?

Não, Emília! Nunca ouviu Tia Nastácia dizer que estava debruando ou ia debruar o xale preto dela? “Debruar” é “pôr debrum”, uma fitinha para enfeitar a barra de um tecido. Ela sempre faz isso... Acho que as nuvens estavam com as bordas douradas.



Que lindo! Vou pedir para Tia Nastácia um vestido novo debruado de pôr do sol.